

BAIRRO ALTO MONUMENTAL¹

Ao longo dos seus 52 hectares, o Bairro Alto é muito rico no que se refere em dimensão à presença de edifícios de carácter monumental, com belos exemplares através de monumentos, museus, palacetes, igrejas, conventos e espaços públicos muito bem projectados, acolhedores, tratados e integrados de modo natural na paisagem e no ambiente urbano, tais como praças, jardins, miradouros e estátuas, que passaremos a descrevê-los, em visita que se aconselha, sendo por este motivo, indossociável dissertar sobre a reabilitação de edifícios na área do Bairro Alto, sem se falar sobre o valor patrimonial dos seus edifícios com carácter monumental.

A Praça Luís de Camões, nome do imortal poeta, é composta por uma figura em bronze no centro de uma praça empedrada com calçada à portuguesa. Com a estátua de Luís de Camões, Lisboa via não só nascer uma bela praça urbana, como também um símbolo imperativo de conceitos modernos de cidadania, corporizados na figura de um herói – poeta, eterno exilado que morrera pobre e só.

O autor/escultor do monumento, construído entre 1860 e 1867, foi Vítor Bastos, tendo sido inaugurada com grande cerimónia e participação pública, em 1867, sendo uma das grandes esculturas urbanas de grande escala a animar um espaço tradicional. A praça, urbanizada em 1859, após a destruição e remoção das ruínas do velho Palácio do Marquês de Marialva e do Loreto, só ficou completa com a colocação do conjunto escultórico.

Sob esta praça, foi no final do século XX, construído um moderno parque de estacionamento subterrâneo, tendo havido o cuidado de previamente ser efectuado o levantamento das ruínas e reproduzi-las com diversas fotografias expostas no local dos restos das ruínas do velho Palácio do Marquês de Marialva e do Loreto.



Praça Luis de Camões

(¹) in “www.lisboa-cidade.com/lx/index99pt.asp?pa=ptihist.htm”; in “lisboa.com/ - Arte e turismo na cidade das sete colinas”

Sobre um grande pedestal em pedra com 7,5 metros, rodeado de estatuária em pedra representativa de figuras notáveis da nossa história, ergue-se a figura do poeta executada em bronze com seis metros de altura, sendo caracterizada por um paralelepípedo facetado, a cujas arestas se acostam figuras mais prestigiadas da cultura clássica nacional, desde Fernão Lopez a Zurara, de Pedro Nunes e João de Barros, empenhados, como o Poeta, no engrandecimento, exaltação e celebração da Pátria.

Acima deles, sobre a dupla base, elegantemente emoldurada, ergue-se a figura coroada de louros de Camões, numa postura solitária, simultaneamente discreta e impositiva, como se apropriasse e protegesse a cidade a partir daquele lugar alto que ampliava o espaço cultural e convencional do Chiado. É de grandes dimensões e tem uma postura heróica.



Monumento a Eça de Queiroz, no Largo Barão de Quintela

Descendo pela rua do Alecrim, em direcção ao rio, temos o Largo Barão de Quintela, praça em frente ao Palácio Quintela, onde se desenvolve um pequeno jardim com palmeiras e uma escultura em homenagem a Eça de Queiroz, obra em pedra, inaugurada em 1903, três anos após a morte do escritor, fazendo parte da cultura do Chiado.

A autoria do monumento a Eça de Queiroz, no Largo do Barão de Quintela, coube a António Teixeira Lopes (1866-1942), tendo sido inaugurado em 1903. O escritor figura num excelente retrato realista, que capta bem a fragilidade do corpo e o requinte da atitude. Original solução iconográfica, dinâmica e elegante, esta obra representa bem o ideal de uma escultura, simultaneamente fiel à herança do modulado e das temáticas e à solicitação naturalista de um envolvimento com o tempo presente.

Integrados no jardim do século XIX, formando um conjunto paisagístico e cenográfico, de onde se domina a soberba panorâmica das colinas do Castelo, Graça, Santana e do vale e encosta da Avenida da Liberdade.

O miradouro é contíguo à rua, com uma espécie de terreiro lateral arborizado, integrado de forma magistral com suavidade no espaço urbano que restava, face ao declive formado pela encosta para o vale da Avenida da Liberdade.



Miradouro e Jardim de São Pedro de Alcântara

Nele se encontra um pequeno monumento escultórico, em homenagem ao jornalista Eduardo Coelho, que foi fundador do Diário de Notícias, sendo o homenageado representado em busto da autoria do escultor Costa Mota, implantado sobre um pedestal e rodeado por um gradeamento concebido pelo arquitecto Álvaro Machado.

Abaixo da plataforma do miradouro, na encosta sobre a avenida, abre-se em forma de terraço, o Jardim de São Pedro de Alcântara, com alamedas arborizadas, ao longo das quais foram colocados bustos de pedra representativos de figuras ligadas aos descobrimentos, nomeadamente, Afonso de Albuquerque, Pedro Álvares Cabral, Vasco da Gama, D. João de Castro e o próprio Infante D. Henrique.

A rua do Século desce do Jardim do Príncipe Real, até à Calçada do Combro. Subindo desde o Poço Novo vê-se à esquerda, no princípio da calçada, a fachada da igreja dos Paulistas ou de Santa Catarina, precedida por um enorme casarão, que foi convento do mesmo nome.



Miradouro do Alto de Santa Catarina

Defronte da igreja abre-se, à direita, a travessa da Condessa do Rio, que leva à rua de Santa Catarina, ao fim da qual se encontra o terreiro ajardinado conhecido por Alto de Santa Catarina. A zona Ocidental da cidade - do Monte Fragoso, *São Francisco* ao Pico da Boa Vista ou Belveder *Santa Catarina* - foi, desde épocas remotas, ocupada por povoamentos dispersos.

As grandes Portas de Santa Catarina eram o limite ocidental entre a cidade e o campo e delas partiam as vias de penetração na direcção Norte-Sul, encostadas ao perímetro exterior da muralha, do Cais de Sodr e ao Príncipe Real e no sentido poente, at e ao Vale de São Bento, *Calçada do Combro*.

Deste miradouro   possível desfrutar de uma bela paisagem sobre Lisboa. Como característica principal destacamos a estátua do Adamastor, figura criada por Camões, nos Lusíadas. Ergue-se sobre o casario de São Paulo e da Boavista e as margens do Tejo.

O Alto de Santa Catarina   um destes sítios de Lisboa, que a dois passos da maior anima o cidadina, parecem adormecer. Na frente desenrola-se o panorama da margem fronteira, com toda a margem sul, avistando-se ao longe Palmela, Arrábida e não tão longe, Cacilhas, Porto Brandão e Trafaria.

Desde o século XVIII que este terreiro, situado no monte antigamente conhecido pelo Monte do Pico ou do Belveder,   afamado como miradouro e retiro de observadores. Segundo a tradi o, apreciava-se a moviment o de navios, nos séculos XVI, XVII, XVIII, vindo da  o ditado popular, *ver navios no Alto de Santa Catarina*.

Numa esquina da rua da Escola Politécnica, encontra-se o edifício da Imprensa Nacional,   época o mais importante estabelecimento topográfico do país.

Era aqui a casa da *Quinta do Pombal*, que já existia no século XVI, na posse da família dos Soares da Cotovia. Nela esteve hospedado em 1638 o Infante D. Duarte, irmão de D. João IV, tendo servido, em 1589, de quartel-general às tropas do Prior do Crato.

Em 1768 foi fundada a Régia Oficina Tipográfica, depois chamada Imprensa Régia. No princípio do século XIX passou a chamar-se Imprensa Nacional, estando nela incorporada a Casa Literária do Arco do Cego (rei D. José, Pombal, Camões, João de Barros, Bluteau, Albuquerque, António Caetano de Sousa e Padre António Vieira).



Edifício da Imprensa Nacional

Foi em 1859 que se inaugurou o Jardim do Príncipe Real, em homenagem ao filho primogénito da Rainha D. Maria II. O gosto de ajardinar a cidade de Lisboa surge em meados do século XIX e o Jardim do Príncipe Real é exemplo disso mesmo, aproveitando um bom espaço central, embelezando um dos bairros aristocráticos mais prestigiados de então, com numerosos palácios e palacetes, onde vivia a burguesia em plena época romântica.

Neste jardim esteve, anteriormente ao terramoto, ocupado pelas obras de um palácio projectado pelo conde de Tarouca. Depois de 1755 instalou-se ali a basílica Patriarcal, que ardeu em 1769, e mais tarde as obras do Erário Régio.

A terraplanagem do largo fez-se em 1849 e as obras do jardim iniciaram-se 20 anos depois.

O jardim que era a anterior designação da praça, tem ao centro, um vasto tanque, que alia a sua função decorativa, a monumento a França Borges, fundador do jornal *O Mundo*.



Jardim do Príncipe Real

Para além de uma magnífica esplanada, no Príncipe Real, é possível visitar-se um dos museus mais bonitos da cidade de Lisboa, o *Museu da Água*.



Jardim Botânico

Com entrada pelos dois portões que ladeiam a fachada principal da escola, o Jardim Botânico, é dos mais belos da cidade e um dos primeiros de toda a Europa no seu género.

Os elementos mais monumentais deste património são os edifícios religiosos, tais como Igrejas e Conventos, sendo alguns deles exemplos notáveis do percurso da história da arquitectura portuguesa.

A igreja de São Roque, foi construída pelos jesuítas no século XVI, após a sua instalação em Portugal.

Passou para a Misericórdia de Lisboa, em 1762, depois da extinção da Companhia de Jesus pelo Marquês de Pombal, estando integrada num vasto complexo arquitectónico a que pertencem as antigas casas da companhia e um conjunto de equipamentos adaptado por restauros e intervenções feitas a partir do século XIX.

É um dos mais notáveis templos da cidade, quer pela sua arquitectura de tipologia maneirista, quer pela decoração interior, rocaille e barroca.

A pedido de D. João III vieram para Portugal, os Jesuítas, ordem criada no âmbito da Contra-Reforma, tendo a sua primeira instalação sido efectuada em São Roque, tendo com a sua vinda sido dado início à construção, em 1566 de uma nova e importante igreja. Este facto teve consequências consideráveis e contribuiu para a reabilitação da zona. A igreja e as casas da Companhia de Jesus formavam um grande complexo arquitectónico de carácter erudito e monumental.



Igreja de São Roque

O prestígio de que gozava esta ordem religiosa atraiu os membros da nobreza, que passaram a construir os seus palácios na parte norte.

A prosperidade ligada à exploração do ouro do Brasil, durante o reinado de D. João V, reflectiu-se nas decorações barrocas de muitas igrejas e palácios, nomeadamente nos interiores da igreja dos jesuítas de São Roque.

De planta rectangular simples, com capelas laterais e altar-mor em capela pouco profunda, apresenta uma geometria espacial simples e funcional, tipicamente jesuíta.

Toda a orientação é feita em função do altar-mor e do púlpito, sem qualquer possibilidade de dispersão, bem à maneira do espírito da Contra-Reforma.

Este modelo, a par do da igreja da mesma ordem de Évora, constituiu referência obrigatória para a divulgação da arquitectura religiosa em todo o país e num espaço cultural mais diversificado, desde o Brasil até à Índia e ao Extremo Oriente, durante os séculos XVI e XVII, sendo a actual fachada classicista ser pouco significativa e resulta do restauro feito após o terramoto de 1755.

A exuberância formal e cromática das artes plásticas e das artes decorativas transforma o espaço arquitectónico, dando-nos a ilusão de uma nova ambiência. As diversas capelas laterais, que se abrem sobre a nave e o próprio altar-mor, são revestidas de talha dourada, apresentando um repositório das principais tipologias do retábulo de talha em Portugal.

A inserção de azulejaria decorativa e de pintura com iconografia relativa a figuras históricas e à Companhia de Jesus bem como a própria pintura do tecto fazem deste interior um magnífico exemplar da unidade das artes.

No conjunto, destacam-se as capelas laterais da invocação de São Roque, que apresenta azulejos decorativos, policromados de temática clássica maneirista, assinados e datados por Francisco de Matos em 1575; a de N^a Sr^a da Piedade, com mármore incrustados e a talha decorativa de grande efeito cenográfico; e a de São João Batista, mandada decorar por D. João V, na primeira metade do século XVIII, com base num projecto encomendado aos arquitectos italianos Vanvitelli e Nicola Salvi.



Igreja das Chagas

O actual templo, situado nos limites da freguesia, foi inaugurado pelos marinheiros da Carreira da Índia em 1542. Era aqui venerada uma imagem da Virgem que, segundo a tradição, fora trazida do Oriente. A primeira igreja foi atingida pelo terramoto e teve de ser reconstruída pela irmandade, reabrindo ao público em 1831.

A fachada, de grande simplicidade, abre-se sobre um adro, à maneira dos terreiros tradicionais, e o interior conserva ainda núcleos decorativos e pictóricos, nomeadamente a pintura de tecto e o altar-mor, com iconografia da padroeira.

No local fronteiro à Igreja do Loreto, mandou a Condessa de Pontével, D. Elvira de Vilhena, construir uma igreja dedicada a N.ª Sr.ª da Encarnação, sendo responsável pelo custeamento da obra.

Foi iniciada a 4 de Junho de 1698 e inaugurada a 9 de Setembro de 1708. Implantada sobre o flanco sul das velhas Portas de Santa Catarina, tendo ficado muito danificada pelo terramoto de 1755, tendo sido reconstruída durante a segunda metade do século XVIII, com um novo plano de acordo com os modelos-tipo de arquitectura religiosa pombalina.

O interior, sóbrio, de nave única, beneficia de uma pintura no tecto de Pedro Alexandrino, mas a fachada, embora plana e classicista, apresenta decorações rocaille.



Igreja da Encarnação

A Igreja do Loreto, foi o primeiro edifício de grandes dimensões erigido sobre a muralha, às portas de Santa Catarina. Pertenceu à comunidade italiana estabelecida em Lisboa e foi inaugurada em 1552 como sede de uma paróquia especial que agregava todos os fregueses daquela nacionalidade.

Esta primeira igreja maneirista sofreu um incêndio em 1651 e foi restaurada, sucessivamente, na segunda metade do século XVIII, depois do terramoto de 1755.

De feição erudita, a fachada apresenta elementos escultóricos de grande qualidade: no interior é caracterizada por uma só nave com altares laterais, que integram algumas pinturas notáveis.



Igreja do Loreto

O Convento e Igreja de São Pedro de Alcântara, teve o início da sua construção em 1680, tendo sido ampliado no reinado de D. João V, durante a primeira metade do século XVIII.



Convento e Igreja de São Pedro de Alcântara

No alto da colina, dominando a cidade antiga, apresenta a fachada com portal triplo e escadaria de acesso emoldurada com painéis de azulejos e interior de uma só nave com capelas e sacristia ricamente decorada com mobiliário, pintura e azulejaria da época.

A Igreja dos Paulistas - Santa Catarina, surge-nos na Calçada do Combro, um exemplar da Arquitectura Religiosa, do estilo Barroco Conventual, construída no final do século XVII, entre 1654 e 1680, de planta longitudinal composta em cruz latina, com nave única, com capelas laterais, transepto saliente e capela-mor profunda, tendo como resultante uma volumetria constituída por dois paralelepípedos rectângulos justapostos, com coberturas a duas águas.

Na fachada principal a Sul distinguem-se 3 corpos, separados entre si e delimitados lateralmente por duplas pilastras.



Igreja dos Paulistas

Desenvolve-se o corpo central em 2 andares encimados por frontão e constituem-se os extremos como apoios das 2 torres sineiras de secção quadrada, que delimitam lateralmente, ao nível do piso térreo, a galilé à qual se acede por meio de 3 arcos de volta inteira, também separados entre si por pilastras simples.

No alinhamento destes vãos e ao nível do 2º andar, abrem-se 3 janelas, sendo as laterais de emoldramento simples e encimadas por frontão triangular interrompido e a central de emoldramento decorado com enrolamentos e coroada por frontão curvo interrompido.

Na galilé 3 portais, permitindo o da esquerda aceder à antiga portaria conventual, dando serventia à sacristia e aos andares superiores, um compartimento onde se observam painéis de azulejos seiscentistas historiados e cobertura abobadada, com pintura ornamental a fresco, organizada em torno de uma representação central das armas do reino e da ordem dos religiosos paulistas.

O portal central apresenta-se ladeado por pilastras e encimado por frontão triangular interrompido pela representação relevada de um emblema do Santíssimo Sacramento.

A iluminação do espaço interior faz-se mediante janelas abertas nos muros laterais, sobre cada uma das quatro capelas abrindo para a nave e as do alçado principal, que surgem no interior ao nível do coro-alto.

A nave é coberta por abóbada de arco abatido, revestida por estuques ornamentais organizados em torno de 2 grandes medalhões centrais, representando a Santíssima Trindade, da autoria de João Grossi (1718/1781) e Toscanelli, datados do 3º quartel do século XVIII, enquanto na capela-mor, de planta rectangular, se observa cobertura em abobadilha de aresta.

Na nave, 8 retábulos laterais, dedicados, no lado do Evangelho, a N^a Sr^a da Conceição, Santa Ana a ensinar a Virgem a ler, São Miguel Arcanjo, São Pedro, surgindo, no lado da Epístola, Pietà, São José, São Joaquim e São Paulo.

A Igreja de Jesus (séculos XVI-XVII), surge-nos no Largo de Jesus, freguesia das Mercês, um exemplar da arquitectura religiosa, estilo Barroco Conventual, construída no final do século XVIII, entre 1755 e 1803.



Igreja de Jesus

A actual igreja resulta da reconstrução executada após o terramoto de 1755, quando ruiu todo o tecto de cantaria do templo, o retábulo do altar-mor e os arcos que dividiam o cruzeiro do coro.

A nova igreja, sob a orientação e a acção de Joaquim de Oliveira, admite também a participação do arquitecto Mateus Vicente de Oliveira, pela existência do arco contracurvado na fachada principal, *assinatura*, característica deste último.

A igreja, de nave única e planta rectangular, apresenta azulejos de grande profusão decorativa, mármore e painéis artísticos de temática essencialmente religiosa.

Em 1834, com a extinção das ordens religiosas é instalada na igreja, a paróquia de N^a Sr^a das Mercês e em 1838, nas dependências conventuais a Academia das Ciências.



Palácio Ludovice

Palácio Ludovice, exemplar típico do palácio urbano secular de modelo internacional italiano.

A fachada barroca, com janelas de moldura recortada, varandas e cornija salientes e frontão interrompido, apresenta uma grande cenografia e um sentido plástico intencional.

Pertencente à família Ludovice, tem a marca deste arquitecto germânico de formação italiana, vindo para Portugal ao serviço do Rei D. João V, para conceber o grande palácio-mosteiro de Mafra.

A sua construção data de 1747, e contribuiu para introduzir um novo modelo de residência urbana mais cosmopolita e graciosa.

Actualmente é o Solar do Vinho do Porto e está situado no nº 45 da Rua São Pedro de Alcântara

O Solar do Carvalhos (Palácio onde nasceu Marquês de Pombal), situado na esquina da Rua do Arco de Jesus, com a Rua do Século, onde em 14 de Maio de 1699, nasceu o grande estadista Marquês de Pombal.



Palácio “O Solar do Carvalhos”

Defronte do palácio situa-se um largo em meia laranja, ao fundo do qual se ergue um elegante chafariz, delineado no século XVIII, por Carlos Mardel.



Palacete do Calhariz e Sobral

Do lado oposto, no Calhariz, voltando para as ruas da Rosa e Luz Soriano, a Caixa Geral de Depósitos, está aqui instalada desde 1887, em dois palácios, que fazem parte do mesmo conjunto, embora tivessem diferentes origens.

O primeiro foi mandado construir pelo morgado do Calhariz, no qual se estabeleceram várias instalações.

Destas destacamos o Ministério dos Negócios Estrangeiros (1882). Por sua vez, o Palácio do Sobral foi construído no século XVIII, por Joaquim Inácio Sobral.

A Freguesia da Encarnação, é a sucessora em território da freguesia do Loreto, fundada em 2 de Janeiro de 1551 (Igreja do Loreto), resultado da evolução histórica natural de toda a área envolvente exterior à antiga muralha Fernandina na parte ocidental da cidade.

Herdando primeiro uma parcela do território da vasta freguesia dos Mártires, veio depois a integrar as paróquias especiais do Loreto e das Chagas, até se identificar com a designação actual, no início do século XVIII, com uma área de quinze hectares, a freguesia da Encarnação delimita um espaço urbanisticamente consolidado no próprio processo da evolução histórica da cidade.

Estende-se do Príncipe Real aos limites ribeirinhos do Corpo Santo e Cais do Sodré, e confina com as vizinhas freguesias de Santa Justa, Sacramento e Mártires - a nascente, São Paulo - a Sul, Santa Catarina - a poente, e São José - a Norte.

Engloba grande parte do Bairro Alto, parcelas da Trindade e do Chiado e ainda a envolvente do Alto das Chagas.

A sua composição, tão ecléctica em imagem urbana, deriva não só dos sucessivos ajustamentos territoriais, feitos depois do terramoto de 1755, mas também do próprio processo de crescimento e reurbanização de Lisboa.

A Freguesia de Santa Catarina, depois das freguesias da Encarnação e dos Mártires, instituía-se a freguesia de Santa Catarina, a 9 de Outubro de 1559, implantada ao longo da encosta que desce do Príncipe Real à Boavista. O seu território era dos mais extensos, com parte urbana e parte arrabaldina, sendo, até meados do século XX, das mais populosas da cidade de Lisboa.

Associada à sua história vem sempre a caracterização de uma freguesia diversificada nas suas dimensões histórica, patrimonial e sociológica, bem como cultural, sendo que a aristocracia vivia lado a lado com o povo.



Palácio Quintela Farrobo

BAIRRO ALTO MONUMENTAL

Foi construído no século XVIII, sobre as ruínas de um antigo palácio, pertença do barão de Quintela e do conde Farrobo, o novo palácio foi edificado com os modelos neoclássicos de raiz pombalina

O Palácio Lumiares, na actual rua de São Pedro de Alcântara, nº 25-27, é um exemplar significativo do tipo maneirista, no bairro, tendo sido construído no século XVII, apresentando na sua composição e planta originais, referências dos modelos maneiristas, actualmente em muito mau estado de conservação e em estado de abandono, tendo sido modificado no início do século XVIII, voltou a ser acrescentado durante o século XIX, sem perder a força representativa a nível da imagem urbana.



Palácio Lumiares

Em plena Praça dos Restauradores, está o Elevador da Glória, inaugurado em 1885. Faz o trajecto Baixa (Praça dos Restauradores) - Bairro Alto. Até 1914 foi movido a vapor, tendo a partir desta data, passado a mover-se a energia eléctrica. Até finais do século XIX, a iluminação dentro da cabine era feita com velas, durante as viagens nocturnas.



Elevador da Glória

Elevador da Bica da Glória

Inaugurado em 1892, por Raul Mesnier Ponsard, o elevador da Bica, funcionou a vapor e só mais tarde, em 1914 a electricidade, levando-nos do Calhariz à Rua da Boavista.

O Teatro da Cornucópia, foi fundado em 1973 por Luís Miguel Cintra e Jorge Silva Melo, também conhecido por Teatro do Bairro Alto. O programa inicial centrava-se no repertório clássico. A partir de 1974 centrou-se na dramaturgia contemporânea.

O edifício sofreu obras de melhoramento em 1988, tornando-o um espaço privilegiado para todo o género de espectáculos.

O Colégio dos Inglesinhos, foi mandado construir entre 1632 e 1644 para apoio aos pobres ingleses, que se desagregavam da igreja anglicana e vinham para Lisboa a caminho de Roma.

O Convento da Conceição dos Cardais, localiza-se entre a esquina norte da travessa da Conceição, com frente para a rua do Século e tornejando também para a rua Eduardo Coelho e foi recolhimento de cegas, instalado no antigo Convento da Conceição dos Cardais, fundado em 1681, para as Carmelitas descalças, pela comendadeira de Santos-o-Novo, D. Luísa de Távora.



Convento da Conceição dos Cardais

O Museu de Arte Sacra de São Roque, foi instalado na antiga igreja e Casa Professa da Companhia de Jesus, possuindo uma notável colecção de artes decorativas, com destaque para a colecção de escultura da Misericórdia de Lisboa - século XVI ao século XVIII - e ourivesaria barroca.

O Gabinete Técnico do Bairro Alto, foi instalado definitivamente no Bairro Alto em 1989, integrando quatro freguesias da cidade de Lisboa, Encarnação, Santa Catarina, São Paulo e Mercês. Começou com o objectivo de recuperar o valor patrimonial e reabilitar vivências sociais e memórias culturais das respectivas áreas urbanas de Lisboa.

BIBLIOGRAFIA

- (1) in “www.lisboa-cidade.com/lx/index99pt.asp?pa=ptihist.htm”; in “lisboa.com/ - Arte e turismo na cidade das sete colinas”